Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

MAPEANDO AS CRIAÇÕES FUNCIONAIS: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E DESAFIOS CONCEITUAIS

MAPPING FUNCTIONAL CREATIONS: CONVERGENCES, DIVERGENCES, AND CONCEPTUAL CHALLENGES

MAPEO DE LAS CREACIONES FUNCIONALES: CONVERGENCIAS, DIVERGENCIAS Y DESAFÍOS CONCEPTUALES

Juan Felipe Almada
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

Marta Rosecler Bez
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

André Conti Silva
SAE Institute, Milão, Itália

Mauricio Barth
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

Resumo

Este artigo investiga o conceito de Criações Funcionais no contexto da Indústria Criativa, a partir de uma análise comparativa entre modelos internacionais consolidados, o mapeamento da FIRJAN e as notas técnicas da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul (SPGG-RS). O objetivo é compreender como diferentes abordagens classificam, delimitam e operacionalizam essas atividades, identificando convergências, divergências e lacunas conceituais. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e comparativo, fundamentada em análise documental e bibliográfica. Para o tratamento dos dados, utiliza-se a análise de conteúdo, que orienta os processos de categorização e interpretação. Como resultado, propõe-se a sistematização de seis eixos analíticos: terminologia e escopo setorial; peso econômico e emprego; integração territorial e formação de clusters; inovação e tecnologia; sustentabilidade e alinhamento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); e governança e políticas públicas. A análise evidencia que as Criações Funcionais são reconhecidas como estratégicas no âmbito da Economia Criativa. Embora diferentes métricas e abordagens sejam adotadas, sua articulação possibilita uma compreensão mais abrangente e consistente do setor, indicando que tais perspectivas devem ser entendidas como complementares e passíveis de integração.

Palavras-chave: Indústria Criativa; Criações Funcionais; Políticas Públicas.

ALMADA, Juan Felipe; BEZ, Marta Rosecler; SILVA, André Conti; BARTH, Mauricio. MAPEANDO AS CRIAÇÕES FUNCIONAIS: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E DESAFIOS CONCEITUAIS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Abstract

This article investigates the concept of Functional Creations within the context of the Creative Industry, based on a comparative analysis of consolidated international models, the FIRJAN mapping, and the technical notes of the Secretariat of Planning, Governance and Management of Rio Grande do Sul (SPGG-RS). The objective is to understand how different approaches classify, delimit, and operationalize these activities, identifying convergences, divergences, and conceptual gaps. From a methodological standpoint, this is a qualitative, exploratory, and comparative study, grounded in documentary and bibliographic analysis. For data treatment, content analysis is employed to guide the processes of categorization and interpretation. As a result, the study proposes the systematization of six analytical axes: terminology and sectoral scope; economic weight and employment; territorial integration and cluster formation; innovation and technology; sustainability and alignment with the Sustainable Development Goals (SDGs); and governance and public policies. The analysis shows that Functional Creations are recognized as strategic within the Creative Economy. Although different metrics and approaches are adopted, their articulation enables a broader and more consistent understanding of the sector, indicating that these perspectives should be understood as complementary and integrable.
Keywords: Creative Industry; Functional Creations; Public Policies.

Resumen

Este artículo investiga el concepto de Creaciones Funcionales en el contexto de la Industria Creativa, a partir de un análisis comparativo entre modelos internacionales consolidados, el mapeo de FIRJAN y las notas técnicas de la Secretaría de Planificación, Gobernanza y Gestión de Rio Grande do Sul (SPGG-RS). El objetivo es comprender cómo diferentes enfoques clasifican, delimitan y operacionalizan estas actividades, identificando convergencias, divergencias y vacíos conceptuales. Desde el punto de vista metodológico, se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio y comparativo, basada en el análisis documental y bibliográfico. Para el tratamiento de los datos, se emplea el análisis de contenido, que orienta los procesos de categorización e interpretación. Como resultado, se propone la sistematización de seis ejes analíticos: terminología y alcance sectorial; peso económico y empleo; integración territorial y formación de clústeres; innovación y tecnología; sostenibilidad y alineación con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS); y gobernanza y políticas públicas. El análisis evidencia que las Creaciones Funcionales son reconocidas como estratégicas en el ámbito de la Economía Creativa. Aunque se adoptan diferentes métricas y enfoques, su articulación permite

ALMADA, Juan Felipe; BEZ, Marta Rosecler; SILVA, André Conti; BARTH, Mauricio. MAPEANDO AS CRIAÇÕES FUNCIONAIS: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E DESAFIOS CONCEITUAIS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

una comprensión más amplia y consistente del sector, indicando que estas perspectivas deben entenderse como complementarias e integrables.
Palabras clave: Industria creativa; Creaciones Funcionales; Políticas públicas.

1 Introdução

A Economia Criativa, nas últimas décadas, tem se consolidado como um dos principais vetores de transformação econômica e social, sustentada pela capacidade de converter a criatividade em valor simbólico e econômico. Para Howkins (2013), trata-se da "monetização das ideias", evidenciando que o conhecimento e a imaginação podem se tornar ativos centrais do desenvolvimento contemporâneo. Nessa mesma direção, Newbigin (2010) reforça que as indústrias criativas se originam na criatividade, habilidade e talento individual, potencializando a geração de riqueza e de empregos qualificados por meio da propriedade intelectual.

A cultura e as atividades culturais são indissociáveis da Economia Criativa, sendo compreendidas como práticas sociais que possuem valor duplo, econômico e cultural (Leitão, 2009). Nesse contexto, a interação entre economia e cultura é reconfigurada, ampliando as perspectivas de desenvolvimento em diversos países (Santos-Duisenberg, 2008).

Embora o termo "criações funcionais" não seja explicitamente definido nas fontes, pode ser compreendido como o conjunto de atividades criativas e seus produtos voltados a propósitos práticos, utilitários ou comerciais, contribuindo para a inovação em diferentes setores. Esse conjunto abrange áreas como design, tecnologia e publicidade, bem como a aplicação da criatividade em indústrias tradicionais (Newbigin, 2010; FIRJAN, 2022). No contexto regional gaúcho, o *Manual de Metodologia do Potencial Criativo do Rio Grande do Sul* (Rio Grande do Sul, 2025), desenvolvido em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC-RS), corrobora essa compreensão ao sistematizar as criações funcionais como atividades que articulam competências técnicas a soluções de mercado.

Nessa perspectiva, tais criações extrapolam o produto final e abrangem processos de inovação intersetorial, nos quais design e tecnologia atuam como catalisadores do desenvolvimento territorial e da competitividade municipal. De

Volume 2026
ISSN 2319-0868

modo complementar, as Políticas Públicas Intersetoriais da Economia Criativa do Rio Grande do Sul destacam essas criações como pilares da transversalidade econômica, permitindo a aplicação da criatividade como insumo estratégico em cadeias produtivas tradicionais. Assim, a Economia Criativa se insere no contexto da sociedade do conhecimento, consolidando a transição de um paradigma industrial para outro, no qual a criatividade assume papel central na geração de valor econômico.

A relevância desse setor também é reconhecida por organismos multilaterais. A UNCTAD (2022) define a economia criativa como ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços baseados em capital intelectual, com valor econômico e cultural. Nesse sentido, Florida (2002) destaca que regiões que investem em capital criativo tendem a apresentar maior competitividade econômica, uma vez que a chamada classe criativa impulsiona inovação, diferenciação e crescimento.

No âmbito nacional, o Mapeamento da Indústria Criativa da Firjan (2022) consolidou-se como referência ao mensurar a participação da Economia Criativa no mercado formal de trabalho e no desempenho setorial. Nesse documento, as criações funcionais, representadas por arquitetura, design e moda, são agrupadas na categoria Consumo, considerada a mais relevante para a performance econômica do setor, responsável por 47% dos vínculos formais e com crescimento de 20% entre 2017 e 2020. Observa-se que a abordagem da FIRJAN é predominantemente quantitativa, centrada em métricas de expansão e impacto produtivo. Em nível regional, o Modelo Operacional da SPGG-RS (2021; 2024) assume uma posição intermediária, ao reconhecer o peso econômico dessas atividades e, simultaneamente, buscar integrar políticas públicas ao contexto territorial.

Em contrapartida, modelos internacionais, como os analisados pela OCDE (2022) na região da Emilia-Romagna (Itália) e as políticas da Creative Finland (2024), evidenciam dimensões qualitativas das criações funcionais, relacionando-as a ecossistemas territoriais, inovação tecnológica e sustentabilidade. O *framework* da UNESCO (2022) segue essa mesma evolução conceitual ao posicionar o design

Volume 2026
ISSN 2319-0868

como interface estratégica entre inovação tecnológica e práticas sociais. O documento caracteriza o setor como um insumo intermediário essencial, capaz de agregar valor funcional e econômico a produtos que, embora não sejam estritamente culturais, dependem da criatividade para sua diferenciação no mercado.

A UNESCO (2022) também propõe uma categorização explícita do caráter utilitário dessas criações. O design industrial é definido como um processo humanocêntrico orientado à funcionalidade e à sustentabilidade econômica; o design de moda é analisado sob a ótica da proteção de elementos criativos dissociáveis dos aspectos estritamente utilitários do vestuário; e, no âmbito das práticas de participação (ICATUS), reconhece-se o artesanato utilitário, validando a produção doméstica voltada ao uso próprio como parte do ecossistema criativo. Essas diferentes ênfases evidenciam uma lacuna relevante para o debate acadêmico, relacionada à compreensão de como as criações funcionais são enquadradas e valorizadas em distintos contextos, bem como às possíveis contribuições desses modelos internacionais para o cenário brasileiro.

Diante desse panorama, esta pesquisa tem como objetivo analisar como as criações funcionais são abordadas em modelos internacionais, nacionais e regionais, utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Embora frequentemente associadas a indicadores econômicos e estratégias de desenvolvimento, as criações funcionais também podem ser compreendidas como práticas culturais e simbólicas que articulam dimensões estéticas, educativas e performáticas. Design, moda, publicidade e tecnologias criativas não apenas produzem valor de mercado, mas também organizam formas de expressão, visualidade e mediação cultural que impactam os modos de criação, circulação e consumo de bens simbólicos na contemporaneidade.

Ainda que se reconheça o caráter dinâmico e em constante atualização desses modelos, o presente texto cumpre um duplo papel: estabelecer uma base teórica consistente para a consolidação do termo “criações funcionais” e contribuir para uma reflexão crítica acerca de suas interfaces com os campos da Arte, da Educação e da Performance. Busca-se, assim, desenvolver uma leitura comparativa

Volume 2026
ISSN 2319-0868

capaz de identificar convergências, divergências e possibilidades de aprimoramento para políticas culturais e processos criativos nos contextos nacional e regional.

2 Economia Criativa: origem e evolução do conceito

A Economia Criativa é um campo que vem sendo aprofundado e debatido globalmente, impulsionado pela criatividade e pela cultura. A criatividade é considerada a "matéria-prima" da Economia Criativa, associada à originalidade, imaginação, inovação e invenção. Reis (2008) e Levada e Gomes (2025) definem criatividade como a capacidade de criar o novo, reinventar, diluir paradigmas e equacionar soluções para problemas novos e antigos, sendo um "combustível renovável". Bentley e Seltzer (1999) a descrevem como a aplicação de conhecimentos e habilidades de novas maneiras, identificando características de pessoas criativas como a capacidade de formular e resolver novos problemas, transferir conhecimento e ter foco para atingir objetivos.

O conceito de Economia Criativa tem origem no termo "indústrias criativas", inspirado pelo projeto Creative Nation da Austrália em 1994 (Reis, 2008; Goldenstein, 2016; Australia, 1994; Newbigin, 2010) que defendia a importância do trabalho criativo e sua contribuição para a economia do país, além do papel das tecnologias como aliadas da política cultural (Reis, 2008).

Em 1997, o governo do Reino Unido, liderado por Tony Blair, impulsionou a formalização do conceito, criando uma força-tarefa multissetorial para identificar a força motriz dentro do terceiro setor (Reis, 2008; Goldenstein, 2014; FIRJAN, 2008; Newbigin, 2010). Essa iniciativa culminou no mapeamento de treze setores de maior potencial, as chamadas indústrias criativas, definidas como "indústrias que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que apresentam um potencial para a criação de renda e empregos por meio da geração e exploração de propriedade intelectual" (FIRJAN, 2008; Newbigin, 2010). Essas indústrias incluíam Artesanato, Arquitetura, Artes Cênicas, Artes e Antiguidades, Cinema, Design, Editorial, Moda, Música, Publicidade, Software, Software Interativo de Lazer (videogames) e Televisão e Rádio (Newbigin, 2010). Essa iniciativa pioneira visou

reposicionar a economia britânica como líder em criatividade e inovação (Newbigin, 2010).

As origens das políticas públicas no campo da Economia Criativa são amplamente conhecidas e debatidas, o que contribuiu nas últimas duas décadas como modelo de base para a construção do campo também como investigação científica. Fazemos a recuperação desse histórico aqui pelo parcial ausência identificada deste debate dentro do âmbito das criações funcionais.

Não há um consenso global sobre uma definição única para a Economia Criativa. No entanto, destacam-se as seguintes abordagens, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Definições de Economia Criativa.

Howkins (2001): Define a Economia Criativa como "o negócio das ideias", onde o trabalho intelectual gera valor econômico, com ênfase no potencial de gerar direitos de propriedade intelectual. Ele afirma que a Economia Criativa é o meio através do qual novas ideias e invenções são comercializadas e vendidas, consistindo em todos os atos criativos em que o trabalho intelectual cria valor econômico (Howkins, 2001).
Hartley (2005): Argumenta que a Economia Criativa vai além das indústrias criativas, abrangendo "o impacto de seus bens e serviços em outros setores e processos da economia e as conexões que se estabelecem entre eles, provocando e incorporando-se a profundas mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas" (Hartley, 2005).
Reis (2008): Vê a Economia Criativa como compreendendo setores e processos que utilizam a criatividade, especialmente a cultura, para gerar e distribuir bens e serviços com valor simbólico e econômico, valorizando a singularidade e o intangível, que são os pilares da Economia Criativa (Reis, 2008).
UNCTAD (2008): Define a Economia Criativa como "Os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários. Constituem uma série de atividades baseadas no conhecimento, que produzem bens tangíveis e serviços artísticos e intelectuais intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado". As indústrias criativas são divididas em quatro categorias e nove subgrupos. A UNCTAD publicou seu relatório em 2008 buscando convergir as diferentes perspectivas e identificar parâmetros para análise e comparação de dados do setor entre países, além de apoiar a formulação de políticas públicas (UNCTAD, 2008).

Fonte: elaborado pelos autores (2026)

A Economia Criativa é uma alternativa e estratégia para o desenvolvimento econômico e social, crescendo e gerando renda e emprego, com baixo consumo de recursos naturais e alto impacto na formação do capital humano (Leitão, 2009). Santos-Duisenberg (2008), da UNCTAD, caracteriza a Economia Criativa como um

Volume 2026
ISSN 2319-0868

conceito amplo e em evolução que ganha terreno no novo pensamento econômico, representando uma mudança das estratégias de desenvolvimento convencionais para uma abordagem holística que lida com a interface entre economia, cultura e tecnologia, aumentando as perspectivas de desenvolvimento em muitos países.

3 Modelos internacionais de análise das criações funcionais

Os modelos internacionais oferecem diversas perspectivas para a compreensão e mensuração da Economia Criativa, que são relevantes para as "criações funcionais". Além da definição, a UNCTAD foca na capacidade da Economia Criativa de gerar renda, empregos e exportações, e na promoção da inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano (Newbigin, 2010; UNCTAD, 2022). O "Creative Economy Report" de 2008 estimou um crescimento médio anual de 8,7% no comércio mundial de bens e serviços criativos entre 2000 e 2005 (FIRJAN, 2022; Newbigin, 2010).

O *UNESCO Framework for Cultural Statistics*, originalmente estabelecido em 2009, permanece como a matriz de referência global para a mensuração da economia cultural, fornecendo as bases metodológicas para calcular a contribuição do setor para o PIB, o emprego e o comércio internacional (UNESCO, 2022). Entretanto, esse arcabouço tem passado por revisões estratégicas para acompanhar a digitalização e a hibridização dos setores criativos, resultando em atualizações que culminaram no novo *framework* publicado em dezembro de 2025. Esta versão mais recente refina a classificação das dimensões culturais e reforça o peso das criações funcionais na economia global, setor este que, em termos agregados, responde por aproximadamente 3,1% do PIB mundial (UNESCO, 2022).

O mapeamento britânico pioneiro de 1998 e 2001 identificou treze setores e revelou que as indústrias criativas cresciam mais rápido do que outros segmentos da economia, e geram novos postos de trabalho duas vezes mais rapidamente (Newbigin, 2010). Posteriormente, o DCMS adotou um modelo baseado na intensidade criativa das ocupações, desenvolvido pela Nesta, conhecido como "*creative trident methodology*" (Newbigin, 2010). Este modelo foca no emprego e distingue entre indivíduos criativos trabalhando em indústrias criativas e "criativos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

infiltrados" (*embedded creatives*), que são pessoas que desempenham tarefas criativas em indústrias não criativas (como manufatura convencional, bens imóveis, comércio atacadista e intermediação financeira). Esta distinção é crucial para entender as "criações funcionais", pois capta a aplicação da criatividade em contextos não tradicionalmente artísticos ou culturais (Newbigin, 2010).

Demais países como Argentina, México e África do Sul, utilizam contas satélite de cultura para estimar as dimensões econômicas do setor criativo, baseando suas metodologias em padrões estatísticos internacionais como o Sistema de Contas Nacionais (SNA) e o Framework para Estatísticas Culturais da UNESCO (UNCTAD, 2022; Argentina, 2018). O México, por exemplo, também tem um projeto conjunto com a WIPO para medir a performance econômica das indústrias baseadas em direitos autorais (UNCTAD, 2022).

A gestão da propriedade intelectual é um elemento central para a Economia Criativa, convertendo a atividade criativa em indústria criativa ao proteger os direitos dos criadores sobre suas ideias. A inovação é impulsionada pela criatividade e a Economia Criativa, com sua constante inovação de produtos e processos, serve como catalisadora de mudanças mais amplas (Newbigin, 2010).

4 O mapeamento da Firjan como modelo nacional

A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) é pioneira no Brasil, realizando estudos sobre a Indústria Criativa desde 2008, com o objetivo de analisar seu comportamento, medir sua contribuição para a economia brasileira e oferecer subsídios para políticas públicas e estratégias de negócios (FIRJAN, 2025). É a fonte de dados mais antiga e contínua sobre o tema no Brasil (FIRJAN, 2025). O Mapeamento da Indústria Criativa da Firjan - edição 2025, organiza a Economia Criativa em 13 segmentos, separados em quatro grandes Áreas Criativas, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Mapeamento por áreas criativas e segmentos

Grandes áreas criativas	Segmentos
Consumo	Design, Arquitetura, Moda e Publicidade & Marketing.
Mídia	Editorial e Audiovisual.
Cultura	Patrimônio & Artes, Música, Artes Cênicas e Expressões Culturais.
Tecnologia	Pesquisa & Desenvolvimento (P&D), Biotecnologia e Tecnologia da Informação & Comunicação

Fonte: FIRJAN (2022).

A metodologia da Firjan baseia-se em estatísticas oficiais da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), cobrindo postos formais de trabalho em todos os municípios do Brasil (FIRJAN, 2025). O mapeamento adota duas perspectivas complementares:

• A Ótica da Produção: Avalia a riqueza total gerada pelos estabelecimentos criativos (empresas cuja atividade principal está associada à Indústria Criativa), utilizando a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE). Em 2023, a participação do PIB Criativo no PIB do país chegou a 3,59%, totalizando R$ 393,3 bilhões.

• A Ótica do Mercado de Trabalho: Analisa o universo de profissionais criativos com base na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), independentemente de atuarem diretamente em empresas criativas ou em outros ramos. Em 2023, o Brasil contava com cerca de 1,262 milhão de profissionais criativos formalmente empregados (FIRJAN, 2025).

Um conceito chave da Firjan para as "criações funcionais" é o de "Criativos Integrados", que são trabalhadores em ocupações criativas contratados por empresas de segmentos não criativos. Estes profissionais são cruciais para a inovação em indústrias tradicionais, como a Indústria Clássica (Indústria de Transformação), contribuindo para a construção de marcas, desenvolvimento de patentes e valor agregado. Em 2023, 221.388 criativos atuavam na Indústria Clássica, representando 17,5% do total de trabalhadores criativos. As áreas de Consumo (Design, Arquitetura, Moda, Publicidade & Marketing) e Tecnologia (P&D,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

TIC) são as que mais concentram esses criativos integrados na Indústria Clássica (FIRJAN, 2025).

O Mapeamento também analisa o Design Aplicado de forma mais ampla, incluindo Designers de moda, Desenhistas técnicos e Desenhistas projetistas de Moda e Arquitetura, evidenciando sua transversalidade e aplicabilidade em diversos setores para gerar valor intangível e simbólico (FIRJAN, 2025).

5 Notas técnicas da SPGG-RS como modelo regional

A Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul - SPGG-RS, através do Departamento de Economia e Estatística - DEE, contribui com o programa RS Criativo, da Secretaria da Cultura - Sedac, para promover o desenvolvimento e fortalecimento da economia criativa gaúcha (Rio Grande do Sul, s.d.). As Notas Técnicas da SPGG-RS, como a Nota Técnica n.º 92 (2024), utilizam dados do Cadastro Central de Empresas - Cempre do IBGE e da RAIS do MTE para analisar o mercado de trabalho formal da economia criativa no estado (Brasil, 2023; IBGE, 2021; SPGG-RS, 2024). Os setores e ocupações criativas são definidos pelo Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE (2021).

As análises da SPGG-RS (2024) mostram:

- Em 2021, o Rio Grande do Sul possuía 30.987 empreendimentos de economia criativa, ocupando a quinta posição nacional (IBGE, 2021);
- Os segmentos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e Arquitetura, Design e Moda foram os mais representativos em número de empreendimentos e empregos no estado, com crescimento expressivo entre 2017 e 2021. Isso corrobora a importância das "criações funcionais" no contexto regional;
- Em contraste, os segmentos mais ligados ao "núcleo duro" cultural (artes visuais e performáticas, audiovisual, patrimônio e culturas tradicionais, publicação, editoração e mídia e ensino de cultura) registraram redução no número de empresas e postos de trabalho no mesmo período, especialmente acentuada pela pandemia de COVID-19 em 2020;

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

- As ocupações criativas representavam cerca de 1,5% do total de empregos no RS em 2021, sendo mais concentradas no próprio setor da Economia Criativa (12,4%) e em Tecnologia da Informação;
- A remuneração média real do setor criativo no RS foi menor em relação a outros setores da economia do estado e aos setores criativos no Brasil;
- O perfil de empregados no setor criativo do RS mostra uma maior concentração de jovens e de empregados com nível superior incompleto, mas também uma parte significativa com nível superior completo (SPGG-RS, 2024).

6 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho é caracterizado como Qualitativo e Exploratório, uma vez que busca compreender como as criações funcionais são abordadas em diferentes modelos internacionais e nacionais sobre Economia Criativa. Segundo Gil (2017), a pesquisa Exploratória tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, de modo a torná-lo mais explícito e a construir hipóteses para análises subsequentes. Optou-se pela utilização da pesquisa Documental e Bibliográfica, fundamentadas na análise de relatórios, documentos oficiais e publicações científicas que tratam das criações funcionais no âmbito da Economia Criativa. Conforme Flick (2009), a pesquisa Qualitativa permite compreender fenômenos sociais complexos a partir da interpretação de dados não numéricos, sendo adequada para investigações no campo cultural e criativo.

As fontes analisadas incluem: o Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil (FIRJAN, 2022), os relatórios e documentos de organismos internacionais, como a UNCTAD (2022), os modelos regionais e internacionais de referência, como os estudos desenvolvidos na Emilia-Romagna (OCDE, 2022), com especial atenção ao “Rapporto sull'Economia Arancione” (Regione Emilia-Romagna, 2018), considerado a coleta de dados mais profunda e detalhada sobre o ecossistema criativo daquela região, e as experiências de fomento em países nórdicos (Finland, 2024), os relatórios do Observatório de Economia Criativa (2022) e as Notas Técnicas da SPGG-RS (2021; 2024), bem como a literatura acadêmica de autores clássicos da

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Economia Criativa, como Howkins (2013), Florida (2002), Newbigin (2010) e Miguez (2021).

A análise de conteúdo de Bardin (2016) foi utilizada de forma a categorizar e interpretar as informações presentes nos relatórios e publicações. O processo metodológico seguiu três etapas principais: 1) Levantamento documental – coleta de relatórios internacionais, nacionais e regionais sobre Economia Criativa; 2) Categorização temática – identificação das abordagens dadas às criações funcionais em diferentes modelos; 3) Análise comparativa – exame das semelhanças, divergências e contribuições entre os modelos internacionais e o mapeamento da FIRJAN. Essa metodologia possibilita construir uma visão crítica sobre as diferentes formas de enquadramento das criações funcionais, oferecendo subsídios para compreender sua relevância econômica e cultural no contexto da Economia Criativa.

O corpus foi constituído por documentos internacionais, nacionais e regionais que abordam diretamente as criações funcionais ou categorias equivalentes. Entre os principais estão: *Creative Economy Outlook 2022* (UNCTAD), relatórios da OCDE sobre a Emilia-Romagna (2022), o *Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil* (FIRJAN, 2022), os relatórios do Observatório de Economia Criativa (2022) e as Notas Técnicas da SPGG-RS (2021; 2024), que apresentam o Modelo Operacional Gaúcho para a Economia Criativa. A seleção seguiu os critérios de relevância institucional, atualidade e pertinência conceitual, de modo a garantir consistência analítica.

7 Análises e Resultados

A categorização, realizada a partir da metodologia de Bardin (2016), permitiu a sistematização do corpus em seis eixos principais de análise, conforme detalhado a seguir:

1. Terminologia e escopo setorial: revela as variações conceituais e as diferentes formas de designação das criações funcionais entre os modelos;
2. Peso econômico e emprego: dimensão em que os relatórios nacionais e regionais apresentam maior densidade de dados estatísticos;

Volume 2026
ISSN 2319-0868

3. Integração territorial e clusters: analisa as criações funcionais como agentes catalisadores de ecossistemas regionais de desenvolvimento;

4. Inovação e tecnologia: destaca o papel transversal do design e da arquitetura como vetores estratégicos de inovação industrial;

5. Sustentabilidade e alinhamento aos ODS: examina o grau de aderência dos modelos às metas globais de desenvolvimento sustentável;

6. Governança e políticas públicas: identifica as distintas abordagens de gestão e fomento adotadas em cada nível geográfico (internacional, nacional e regional).

No que diz respeito à terminologia e ao escopo, verificou-se que há consenso quanto à centralidade das criações funcionais na Economia Criativa, ainda que as nomenclaturas variem. A FIRJAN (2022) as incorpora na categoria “Consumo” e o Modelo Operacional Gaúcho denomina como “Criações funcionais”, ambas com foco na mensuração estatística e na agregação de setores como arquitetura, design e moda. Organismos internacionais como a UNCTAD (2022) utilizam definições mais abrangentes, integrando essas atividades a ciclos produtivos mais amplos de criação, produção e distribuição. Essa diferença terminológica reflete não apenas opções metodológicas distintas, mas também concepções variadas sobre o papel da criatividade na economia contemporânea.

Ao analisar a dimensão econômica e a geração de empregos, observa-se a existência de diferentes enfoques entre os modelos estudados. A FIRJAN destaca-se pelo uso de indicadores quantitativos detalhados, evidenciando que o segmento de Consumo concentra 47% dos vínculos formais da Indústria Criativa brasileira e registrou crescimento de 20% entre 2017 e 2020. No âmbito regional, a SPGG-RS (2021) também evidencia a relevância das criações funcionais ao indicar que os setores de arquitetura, design e moda correspondem a 8,8% dos empreendimentos criativos do Rio Grande do Sul. Em contraste, as referências internacionais, embora reconheçam a contribuição dessas atividades para a geração de empregos qualificados, direcionam sua atenção principalmente ao papel estratégico das criações funcionais na inovação das cadeias produtivas, no fortalecimento da competitividade e na agregação de valor aos bens e serviços.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A integração territorial e a formação de clusters surgem como um ponto de diferenciação central. Na Emilia-Romagna, por exemplo, a OCDE (2022) descreve as criações funcionais como pilares de ecossistemas regionais e motores de internacionalização de pequenas e médias empresas. Esse tipo de abordagem territorial não aparece de forma robusta no relatório da FIRJAN, que tem alcance nacional e, portanto, tende a reduzir a granularidade regional. No entanto, no Rio Grande do Sul, a SPGG-RS (2021; 2024) avança ao propor um Modelo Operacional para a Economia Criativa que, além de mensurar dados quantitativos, incorpora uma perspectiva territorial, conectando a dinâmica das criações funcionais com políticas públicas adaptadas ao contexto estadual.

No que se refere à inovação e tecnologia, os documentos internacionais, como os da UNCTAD (2022), são claros ao associar o design e a arquitetura ao fortalecimento de cadeias do conhecimento e à transversalidade da inovação em diferentes setores econômicos. Essa leitura também se reflete em experiências europeias, onde o design é compreendido como vetor estratégico para a reindustrialização sustentável. A FIRJAN, embora reconheça a importância econômica das criações funcionais, não explicita de maneira detalhada sua relação com processos de inovação, priorizando a mensuração da performance produtiva.

A sustentabilidade e o alinhamento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) compõem outro eixo de diferenciação. Nos relatórios internacionais, especialmente os da UNCTAD, a Economia Criativa é vinculada diretamente aos ODS 8 e 9, relacionando as criações funcionais ao trabalho decente, ao crescimento econômico e ao fortalecimento da infraestrutura inovadora. No Brasil, contudo, a FIRJAN (2022) não estabelece essa relação de forma central, o que evidencia uma lacuna na articulação entre os dados econômicos e as metas globais de sustentabilidade, o mesmo ocorrendo com o Modelo Operacional para a Economia Criativa do RS.

A governança e as políticas públicas constituem uma dimensão em que se observam complementaridades relevantes. Os modelos internacionais valorizam a coordenação multiescalar e o desenho de políticas voltadas à inovação territorial, enquanto a FIRJAN cumpre um papel essencial ao fornecer métricas consolidadas

Volume 2026
ISSN 2319-0868

em âmbito nacional. O caso gaúcho, materializado nas notas técnicas da SPGG-RS (2021; 2024), mostra a possibilidade de articular as duas dimensões: de um lado, a robustez da mensuração quantitativa; de outro, a adaptação territorializada das políticas públicas.

A comparação entre os modelos analisados demonstra que as criações funcionais são amplamente reconhecidas como um componente central da Economia Criativa, embora recebam tratamentos distintos conforme o contexto de aplicação. Nos documentos internacionais, observa-se uma abordagem predominantemente qualitativa, que associa áreas como design, arquitetura e moda a dinâmicas de inovação, sustentabilidade e desenvolvimento territorial. Em contrapartida, a FIRJAN adota uma perspectiva voltada principalmente para indicadores quantitativos, enfatizando a participação no mercado formal de trabalho e os índices de crescimento do setor, sem aprofundar aspectos relacionados à inovação ou à sustentabilidade. No contexto do Rio Grande do Sul, verifica-se uma abordagem intermediária, que combina o reconhecimento da relevância econômica das criações funcionais com a articulação de políticas públicas voltadas às especificidades territoriais, conforme proposto pelo Modelo Operacional da SPGG-RS (2021; 2024). Tal configuração indica que a integração entre indicadores econômicos e estratégias de governança territorial pode contribuir para uma compreensão mais ampla do setor e para a formulação de ações mais efetivas em seu desenvolvimento.

Com isso é possível perceber que as diferenças entre as abordagens não se anulam, mas se complementam. A FIRJAN fornece dados robustos para monitoramento nacional, os organismos internacionais oferecem referenciais qualitativos e estratégicos, e a experiência gaúcha mostra a importância de adaptar modelos à realidade local. Essa complementaridade indica que um modelo híbrido poderia ampliar a compreensão do papel das criações funcionais no Brasil, conciliando mensuração econômica com inovação, sustentabilidade e políticas territorializadas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

8 Considerações Finais

A análise permitiu compreender que as criações funcionais ocupam um papel central na Economia Criativa, tanto em contextos nacionais quanto internacionais. Há consenso quanto à sua relevância para a geração de empregos qualificados, o aumento da competitividade econômica e a dinamização de cadeias produtivas. Entretanto, observam-se diferenças significativas nas abordagens adotadas. A FIRJAN privilegia uma perspectiva quantitativa e produtiva, com ênfase nos vínculos formais de trabalho e nas taxas de crescimento. Por sua vez, modelos internacionais, como os da UNCTAD e da OCDE, valorizam dimensões qualitativas, destacando aspectos como inovação, sustentabilidade e integração territorial. No âmbito regional, o caso gaúcho, representado pelas Notas Técnicas da SPGG-RS (2021; 2024), evidencia uma tentativa de articulação entre essas dimensões, ao combinar métricas estatísticas com políticas públicas orientadas às especificidades do território.

O modelo italiano, fundamentado na chancela do "*Made in Italy*", acrescenta uma camada relevante de análise ao demonstrar como as criações funcionais podem ser elevadas à condição de ativos de identidade cultural e reconhecimento internacional. Nesse contexto, observam-se ações verticais de financiamento governamental que equiparam setores como design e moda ao patrimônio histórico-cultural em termos de prioridade estratégica. Contudo, essa centralidade não está isenta de tensões, uma vez que a hiperespecialização e a concentração de recursos em setores utilitários podem gerar assimetrias no ecossistema, limitando o fomento a outros segmentos criativos igualmente relevantes, porém com menor apelo comercial imediato.

A partir dessa comparação, conclui-se que o Brasil dispõe de instrumentos robustos de monitoramento econômico, mas ainda pode avançar na incorporação de indicadores relacionados à inovação, sustentabilidade e governança multiescalar. As experiências internacional e regional indicam que a adoção de um modelo híbrido, capaz de integrar métricas quantitativas e dimensões qualitativas, constitui um

caminho promissor para o fortalecimento da Economia Criativa e para a ampliação do papel estratégico das criações funcionais no país.

Referências:

ARGENTINA. Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC). **Cuenta Satélite de Cultura de Argentina**. Buenos Aires: INDEC, 2018.

AUSTRALIA. **Department of Communications and the Arts**. Creative Nation: Commonwealth Cultural Policy. Canberra: Australian Government, 1994.

BENTLEY, T.; SELTZER, K. **The Creative Age**: Knowledge and Skills for the New Economy. London: Demos, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais** (RAIS). Brasília: MTE, 2023.

FINLAND. **Creative Finland**. 2024. Disponível em: https://www.creativefinland.org/. Acesso em: 03 mar. 2026.

FIRJAN. Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2022. Disponível em: https://www.firjan.com.br/noticias/mapeamento-da-industria-criativa-2025-8AE4828D96AAF437019783E8CFE02F31-00.htm. Acesso em: 03 mar. 2026.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. New York: Basic Books, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOLDENSTEIN, L. Trocando Experiências para Aprofundar o Debate no Brasil. In: BRITISH COUNCIL. **What's the Role of Design in Innovation Policy?** London, São Paulo: British Council, 2014.

HOWKINS, J. **The Creative Economy**: how people make money from ideas. Londres: Penguin Books, 2013.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas (CEMPRE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

ALMADA, Juan Felipe; BEZ, Marta Rosecler; SILVA, André Conti; BARTH, Mauricio. MAPEANDO AS CRIAÇÕES FUNCIONAIS: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E DESAFIOS CONCEITUAIS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

LEITÃO, C. S. Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. In: REIS, A. C. F. (org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento:** uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

LEVADA, E. C.; GOMES, M. A. A importância da criatividade ligada a arte desde a infância e sua contribuição na aprendizagem e no desenvolvimento do ser. **Revista da Fundarte**, Montenegro, v. 67, n. 67, p. 1-13, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.19179/rdf.v67i67.1220. Acesso em: 03 mar. 2026.

MIGUEZ, P. **Trabalho e criação**: o trabalho nas indústrias culturais e criativas. São Paulo: Boitempo, 2021.

NEWBIGIN, J. **The Creative Economy:** An Introductory Guide. London: British Council, 2010.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Culture and the Creative Economy in Emilia-Romagna, Italy**. Paris: OECD Publishing, 2022. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/culture-and-the-creative-economy-in-emilia-romagna-italy_841f1338-en.html. Acesso em: 03 mar. 2026.

REIS, A. C. F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento:** uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia; Secretaria da Cultura (SEDAC-RS). **Manual de Metodologia do Potencial Criativo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Inova RS, 2025.

SANTOS-DUISENBERG, E. dos. **Creative Economy:** An Engine for Inclusive Development. Geneva: UNCTAD, 2008.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO (SPGG-RS). **Nota Técnica n.º 92, 16 de maio de 2024**. Mercado de trabalho formal da economia criativa no Rio Grande do Sul. Gabriele dos Anjos, André Coutinho Augustin. Porto Alegre: SPGG, 2024. Disponível em: http//efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202407/08170848-nt-dee-92-mercado-de-trabalho-formal-da-economia-criativa-no-rio-grande-do-sul.pdf. Acesso em: 03 mar. 2026.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO (SPGG-RS). **Nota Técnica n.º 43, 13 de agosto de 2021**. Elementos para um modelo operacional de análise da economia criativa para a cidade de Porto Alegre. Disponível em: chrome-

REVISTA DA FUNDARTE

extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202206/02150850-nt-n-43-versao-final-1.pdf. Acesso em: 03 mar. 2026.

UNCTAD. **Creative Economy Outlook 2022**. Genebra: Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, 2022. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://unctad.org/system/files/official-document/ditctsce2022d1_en.pdf. Acesso em: 03 mar. 2026.

UNESCO. **Re|Shaping Policies for Creativity:** Addressing Culture as a Global Public Good. Paris: UNESCO, 2022.

Recebido em: 14/04/2026.
Aceito em: 10/06/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

]

Juan Felipe Almada
Doutor e mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social, bacharel em Design. Professor no Programa de Pós-Graduação em Indústria Criativa da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3805-1332.
E-mail: juanfa@feevale.br.

Marta Rosecler Bez
Doutora em Informática na Educação, mestra em Ciência da Computação, tecnóloga em Processamento de Dados. Bolsista de Produtividade, Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora do CNPq. Coordenadora e professora no Programa de Pós-Graduação em Indústria Criativa da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5542-8229.
E-mail: martabez@feevale.br.

André Conti Silva
Doutor e mestre em Design, bacharel em Publicidade e Propaganda. Professor e Coordenador do Departamento de Design e Artes Aplicadas no SAE Institute (Milão/Itália).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7997-6521.
E-mail: a.contisilva@sae.edu.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Mauricio Barth
Pós-doutor em Comunicação, doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social, mestre em Indústria Criativa, especialista em Gestão de Marketing, bacharel em Publicidade e Propaganda. Professor no Programa de Pós-Graduação em Indústria Criativa e Coordenador Editorial na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9125-9832.
E-mail: mauricio@feevale.br.

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

ALMADA, Juan Felipe; BEZ, Marta Rosecler; SILVA, André Conti; BARTH, Mauricio. MAPEANDO AS CRIAÇÕES FUNCIONAIS: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E DESAFIOS CONCEITUAIS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p. 1-21, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br